

TATUÍ RECEBE PRÊMIO POR AÇÕES NO COMBATE À TUBERCULOSE

Foto: Comunicação/Prefeitura de Tatuí



Equipe de saúde conseguiu a cura de 85% dos casos de tuberculose na cidade.

No mês de setembro, durante o "Fórum Estadual de Tuberculose", realizado no auditório do Centro de Convenção Reboças, em São Paulo, o setor de Vigilância Epidemiológica da Secretaria Municipal de Saúde de Tatuí recebeu um prêmio de reconhecimento pela qualidade das ações de controle da tuberculose e manutenção dos índices adequados de cura desta doença no município.

A coordenadora da Vigilância Epidemiológica, Marilu Rodrigues da Costa, disse que o prêmio é um reconhecimento do Governo do Estado ao bom trabalho desenvolvido pelo município no controle da doença. "Tatuí conseguiu curar mais de 85% dos novos casos de tuberculose" destacou Marilu. Tatuí faz parte da "Divisão Regional de Saúde 16", da região de Sorocaba, com outros 33 municípios. Apenas Tatuí e Itapetininga foram contemplados com o prêmio, que repre-

senta o reconhecimento do trabalho realizado pelos profissionais de saúde dessa área.

A tuberculose é uma doença contagiosa, causada por uma bactéria conhecida como bacilo de Koch. A transmissão ocorre pelo ar, sobretudo em locais com grande aglomeração e pouca ventilação. É uma moléstia que pode ser curada, mas o tratamento, com medicação, precisa ser seguido à risca, durante o período determinado pelo médico.

Um dos principais sintomas da tuberculose é a tosse contínua, por mais de quinze dias, acompanhada ou não de febre. A doença também gera perda de apetite e emagrecimento. As pessoas com suspeita da doença devem procurar auxílio médico imediato, em qualquer posto de saúde, e realizar o exame gratuito, que irá identificar ou não a presença do bacilo. Em caso positivo, o cidadão será encaminhado para tratamento.

Opinião

DESTAQUES ECONÔMICOS

Antônio José Martins

e-mail: martins_32@terra.com.br



EPIDEMIA DE DENGUE

Com 693 mortes até dia 29 de agosto e cinco casos graves por dia, País bate recorde de vítimas por dengue. Nosso comentário: precisamos urgentemente baixar esta estatística!

CONFUSÕES EXISTEM EM TODO O MUNDO – Executivos da Air France foram agredidos fisicamente em uma reunião, na qual se decidia a demissão de 300 pilotos.

E PARA O INVESTIDOR NACIONAL? APENAS O RISCO? – O Ministério da Fazenda estuda um seguro para o investidor estrangeiro que deseja entrar no País, mas teme que riscos regulatórios comprometam a rentabilidade dos projetos.

POR ECONOMIA – Governo suspende os concursos públicos, mas autoriza a nomeação de 198 servidores. Nosso comentário: não dá para entender! O concurso público é mais democrático, transparente e justo!

INDÚSTRIA DA SOJA PREVÊ SAFRA RECORDE – Mas boa parte desse volume ficará estocado no País.

O BRASIL VIVEU DEZ ANOS MÁGICOS – "Agora, a realidade de novo se encontrou conosco. Dizer que essa crise é devida à situação internacional é uma distorção. Quem criou a crise, por misturas do gigantismo do Estado, gastos excessivos, corrupção e demagogia, fomos nós", declarou o embaixador Marcos Azambuja, ex-

secretário geral do Itamaraty.

VAMOS MUDAR PARA 2017 – E não mais em 2016 a intenção do governo de levar ao centro da meta a inflação. Nosso comentário: cuidado, com inflação não se brinca!

PRESIDENTE DA CÂMARA ADIA DECISÃO SOBRE IMPEACHMENT – Nosso comentário: e para quando ficará a reunião do Conselho de Ética, em relação ao julgamento sobre ter ou não contas no exterior? Se ele diz que não sabe de nada, como é que ficamos?

COMO PODEMOS CALCULAR TRIBUTOS PARA PAGAR DOMÉSTICAS? – Na página www.esocial.gov.br, padrões poderão emitir guia única com todos os tributos, que devem ser pagos sobre o salário da funcionária.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL CAI HÁ 18 MESES – E recua aos patamares de 2009. A queda no setor de bens de capital indica forte recuo nos investimentos e o prolongamento da crise brasileira.

FICA O DITO PELO NÃO DITO – Dilma conclui reforma que fortalece o PMDB e partido já apóia a nova CPMF. Nosso comentário: por mais um Ministério, vale mudar de opinião sobre um assunto de tamanha magnitude?

PETROBRÁS REDUZ INVESTIMENTO – Estatal deve investir "menos bilhões" este ano.

Por hoje é só, tenham todos uma ótima semana!

GASTOS PÚBLICOS E UM NOVO ORÇAMENTO

* Marcos Cintra

O ajuste fiscal em andamento mostra a grande dificuldade em cortar despesas no Brasil. Isso acontece em grande parte porque a sociedade brasileira está viciada em favores governamentais, privilégios e subsídios. Os políticos não são capazes de reduzir as transferências públicas. Criou-se uma dependência exacerbada do Estado como se essa fosse a solução para combater a desigualdade e a pobreza no país.

Um ponto importante a ser destacado quanto à dependência pública é a ideia predominante no Brasil de que o governo precisa simplesmente ir colocando recursos em áreas como, por exemplo, a saúde, a educação e a seguridade social e isso basta para combater a gritante desigualdade social. Não é por aí.

Não há uma correlação direta imediata entre montante de gastos e eficácia de resultados. O Brasil gasta em educação, por exemplo, volume de recursos equivalente ao de alguns países mais desenvolvidos. Mas os resultados são pífios. Por conta disso, venho propondo que o País troque o sistema orçamentário incremental pelo sistema conhecido por "orçamento base-zero". Essa inovação seria um instrumento para apurar a qualidade dos gastos em todas as áreas da administração pública. Certamente muitas despesas se mostrariam injustificáveis. Através desse mecanismo é possível analisar de forma periódica a relação custo-benefício dos programas. Se o retorno não for adequado, o programa acaba ou tem sua verba reduzida. Sobraria dinheiro para financiar outras áreas. Simples assim.

Educação e saúde gratuitas são fundamentais para se combater a pobreza. Mas não dá para aceitar a educação e a saúde públicas que temos frente a nossa carga tributária de país rico. A questão que deve ser colocada em relação às

despesas nessas e em outras áreas governamentais é que precisamos ter critérios de avaliação da eficiência e eficácia dos dispêndios, visando que se tenha o máximo de retorno em cada real aplicado.

Cumprir dizer que essa questão não se relaciona apenas com os gastos direcionados à população mais pobre. Há os privilégios relacionados a grupos econômicos que articulam seus lobbies no Congresso, no sentido de mantê-los. A indústria automobilística e a Zona Franca de Manaus, por exemplo, vivem de favores há décadas no Brasil e ninguém questiona a fundo essa situação. Os recursos absorvidos nesses dois casos dão retorno adequado ao País? Dinheiro aplicado neles não poderia ser utilizado em outras áreas, como a saúde, por exemplo?

O País chegou esgotou sua capacidade de tributação. Não dá mais para colocar o ônus nas costas do contribuinte sempre que precisa fazer ajuste fiscal, aumentar a dotação dessa ou daquela área ou financiar novos programas. É preciso combater a desigualdade sim, e para isso, os gastos com a seguridade, educação e saúde são fundamentais. Mas, o foco deve ser outro. O foco agora deve ser o combate ao desperdício e a análise constante da relação custo-benefício das despesas. Manter programas por inércia tem um preço e nós estamos pagando caro por isso.

O País precisa começar a focar o lado da despesa e o "orçamento base-zero" é uma inovação que inclusive pode contribuir para gerar um ambiente favorável ao setor produtivo ser mais eficiente, mais competitivo. Aliás, essa eficiência seria determinante para reduzir as desigualdades de maneira efetiva, porque ela ocorreria com base no trabalho qualificado e na busca constante da elevação da sua produtividade.

* Marcos Cintra é doutor em Economia pela Universidade de Harvard (EUA) e professor titular de Economia na FGV (Fundação Getúlio Vargas). Foi deputado federal (1999-2003) e autor do projeto do Imposto Único.

FLORES DO PÂNTANO

* GAUDÊNCIO TORQUATO

A pergunta teima em mexer com a consciência dos mais indignados: pode-se esperar por um processo de depuração da vida parlamentar? Pode-se, afinal, esperar que a corrupção seja extirpada (ou pelo menos reduzida) da administração pública e o Brasil comece a ser visto como um território expurgado de impurezas? Ou será que a crise moral e a crise política continuarão a sujar a imagem do país perante o mundo? Mais ainda: teremos de conviver eternamente com a herança ibérico/portuguesa e os valores jogados sobre o nosso imenso território: o patrimonialismo, com as mazelas do fisiologismo, mandonismo, grupismo, familismo? Não podemos desenvolver nossa modelagem valorativa, nosso "ethos" e moldar nosso próprio modelo de democracia? Ou será que devemos aceitar como definitivo aquele lema: "o pau que nasce torto, não tem jeito, morre torto?" Ademais, somente meia dúzia de desonestos intelectuais aprecia o exercício de execrar nosso processo civilizatório.

A resposta é complexa, pois implica intrincada engenharia de mudanças. E se a barreira tem o nome de mudança, a questão esbarra na lição de Maquiavel: "Nada é mais difícil de executar, mais duvidoso de ter êxito ou mais perigoso de manejar do que dar início a uma nova ordem de coisas. Na verdade, o reformador tem inimigos em todos os que lucram com a velha ordem e apenas defensores tópicos nos que lucrariam com a nova ordem." Sejamos realistas. Há poucos reformadores na esfera política e há muitos que lucram com a manutenção dos velhos sistemas. Entre os que apregoam mudanças, uns apontam para medidas pontuais e momentâneas, cujo escopo não abriga a matriz das mazelas, e outros há que nem sabem por onde se chega ao caminho das mudanças.

Sob esse feixe de hipóteses, três vertentes se apresentam como as mais prováveis na esfera das ocorrências futuras: a primeira é de que a atual crise será ultrapassada pela próxima, lembrando, porém, que a do momento é das mais graves da quadra contemporânea; a segunda, ancorada ainda na banalização, mostra o brasileiro cada vez mais impermeável à barbárie da política; e a terceira, regada à esperança, põe fé na crença de que uma flor pode nascer no pântano. Ou seja, que o Brasil semeará jardins de ética no meio do lamaçal. As duas primeiras vertentes são malféticas para o caráter nacional. Comparam-se à maldição de Sísifo, aquele que repetirá todos os dias da eternidade o castigo que foi lhe imposto pelos deuses, o de carregar uma pedra sobre os ombros e depositar no topo da montanha.

O fato é que a repetição do maçante exercício de expectativas frustradas acaba brutalizando os instintos das pessoas. Que se tornam impermeáveis aos eventos que ocorrem ao seu redor, mesmo os mais catastróficos. É como seres catatônicos. Essa seria a carga psicológica que a crise deposita sobre a alma nacional. O ciclo de banalização de escândalos por que passa o País gera desconfiança, distanciamento entre a esfera política

e sociedade, arrastando valores como a racionalidade, o civismo, o amor à Pátria, o sentimento de inclusão, a identificação com os símbolos nacionais, o orgulho de pertencimento a uma sociedade com padrões éticos e morais. Existe, porém, quem distinga as luzes de um contraponto, um sinal de esperança. E esse sinal acontece quando a sociedade, cansada de tantas promessas, embalada na mistificação da propaganda política, decide dar um basta ao estado de calamidade a seu redor.

O que fazer diante das filas imensas nos corredores de hospitais? O que dizer diante da insegurança que grassa por toda a parte? Como agir diante de promessas mirabolantes, reformas que não acontecem? O que pensar se prometem o céu, mas é o inferno que entregam? Ir às ruas. Dar um basta. Essa é a hipótese do contraponto, que leva em conta o eco da tuba de ressonância da mídia. Todas as camadas – com acesso à TV e ao rádio – veem a lama que escorre da arquitetura política. As marolas de insatisfação começam a deixar o centro do oceano social e a correr até as margens. Do Sudeste, com a força extraordinária de suas trombetas midiáticas e movimentos organizados, espriai-se uma onda avassaladora que faz expandir o PNBInf (Produto Nacional Bruto da Infelicidade).

As conexões psicológicas formam o adubo para um jardim florescer no lamaçal. O sistema cognitivo capta o som das ruas, o grito de indignação, a vontade de dar uma resposta dura aos meliantes e assim por diante. De maneira lenta e gradual, cristaliza-se a convicção de que os desvios, a roubalheira, a infração a valores morais e princípios éticos nascem e se desenvolvem na roça dos próprios autores das leis. Que eles, então, assumam suas responsabilidades. É assim que grupos e setores abrem o grito preso na garganta em sinal de protesto e indignação.

Da sensação de que os tonéis da corrupção estão locupletados, o brasileiro extrai a argamassa para aumentar sua descrença nos governantes e nos representantes. É o que explica os 70% e avaliação negativa da presidente Dilma e a imagem no fundo do poço dos nossos políticos. As negociatas desenvolvem um mecanismo de repulsa e a expressão crítica toma corpo, deixando seu verbo ácido nas redes sociais. As ondas de indignação se propagam. Forma-se, aqui, a composição química que deverá impor ao país uma nova paisagem, onde possamos contemplar uma flor vicejando em pleno pântano, com sua brancura, a simbolizar a assepsia, pureza, horizontes claros.

Vislumbrar um futuro jardim nos lamaçais da política é ser exageradamente otimista? Alguns acham que sim. O saudoso advogado e jurista Saulo Ramos, em seu belo "O Código da Vida", já inseriu este esboço no território dos "puros, poetas, idealistas", desejando que tenha "razão". Para ele, "o Brasil virou um país autôfago." Quem acena com a bandeira da esperança continua a acreditar na flor de lótus brotando na lama da política.

Gaudêncio Torquato, jornalista, professor titular da USP é consultor político e de comunicação. Twitter: @gaudtorquato

ANUNCIE NO JORNAL INTEGRAÇÃO
FONE (15) 3305-6674

TROVAS

J. R. do Amaral Lincoln

O Cunha é mesmo um tranqueira...
Veja a Bíblia que ele traz:
falta uma página inteira
onde diz: "não roubarás".

O coração é um canteiro...
Renova sem nossa mão:
onde morre a flor da mágoa
nasce a rosa do perdão.

Tua mão, linda e sedosa,
quando está a me acariciar,
parece um botão de rosa
se abrindo para o luar!

JORNAL INTEGRAÇÃO

e-mail: redacao@jornalintegracao.com.br

JORNAL
integração

EXPEDIENTE

Integração - o Jornal do Povo Ltda. -
Rua São Bento, 785 - Tatuí/SP - CNPJ: 45.941.838/0001-18

DIRETOR RESPONSÁVEL:

José Reiner Fernandes (Reg. no MTB. Nº 12095)

DIRETOR PROPRIETÁRIO

Renê José Rodrigues Fernandes

REDATORA:

Aideé Maria Rodrigues Fernandes (Reg. no MTB. Nº 16035)

ESPORTES:

Rogério Lisboa (Reg. no MTB. Nº 24727)

FUNDADORES em 24/12/1975:

José Reiner Fernandes, Francisco José Lang

Fernandes de Oliveira,

Roberto Antonio Carlési, Ivan Gonçalves e

Acassil José de Oliveira Camargo

Propriedade da Empresa

Jornalística Integração - o Jornal do Povo Ltda.

Rua São Bento, 785 - Tatuí/SP - CEP: 18270-820

e-mail: integracao@asseta.com.br

Impresso: A Tribuna de Piracicaba -

Rua Luiz Gama, 144 - Piracicaba/SP